

II Erejor Centro-Oeste

Encontro Regional Centro-Oeste de Ensino de Jornalismo

Notícia quente

Dilemas da cobertura jornalística em tempos de crise climática



Tecendo outros ecossistemas comunicativos: Um relato de experiência de aula de Jornalismo na Aldeia Rio Sacre – Campo Novo dos Parecis-MT¹

Maria Tereza CUNHA²

Emanuelle Lohraine do PRADO³

Lawrenberg Advíncula da SILVA⁴

Universidade do Estado do Mato Grosso/ UNEMAT

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência de ensino, a partir do recorte de uma atividade de incursão intercultural que foi desenvolvida por acadêmicos de Jornalismo em uma comunidade indígena no município de Campo Novo dos Parecis (350 km da capital Cuiabá), durante o sábado de 13 de maio deste ano. A atividade foi realizada na Aldeia Rio Sacre, no primeiro semestre de 2024 (maio), assim como parte de uma oficina de Comunicação e Jornalismo Interculturais que foi proposta na disciplina Comunicação e Cultura, do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, ministrada pelo professor Lawrenberg Silva. Na ocasião, um grupo formado por 30 acadêmicos e um professor de Jornalismo desenvolveram uma programação de atividades de caráter exploratório-empírico, com intercâmbio de saberes com os moradores locais, registros fotográficos (fotoetnografia), entrevistas (abertas, semiestruturadas) e gravações de vídeo (etnodocumentário). O objetivo foi fomentar um olhar mais profundo diante do cotidiano da comunidade indígena, de modo a pensar pautas e metodologias de cobertura jornalística mais plurais. Principalmente no que tange a relação entre o Jornalismo com a prática de registro perfis em territorialidades indígenas, numa perspectiva mais autoral.

¹ Resumo expandido apresentado no GT Pesquisa na Graduação, no 2º Encontro Regional Centro-Oeste de Ensino de Jornalismo (Erejor Centro -Oeste). Professor orientador da visita técnica e do texto apresentado.

² Autora do trabalho, estudante do 6º período do curso de jornalismo da Unemat. E-mail: maria.terezal@unemat.br.

³ Co-autora do trabalho, estudante do 6º período do curso de jornalismo da Unemat. E-mail: Emanuele.lorrayne@unemat.br.

⁴ Orientador do trabalho e Professor-adjunto do curso de Jornalismo da Unemat. Doutor em Comunicação pela PPGCOM/UERJ. E-mail: lawrenberg@unemat.br.

II Erejor Centro-Oeste

Encontro Regional Centro-Oeste de Ensino de Jornalismo

Notícia quente

Dilemas da cobertura jornalística em tempos de crise climática



Mais do que propiciar a imersão de acadêmicos em comunidades de resistência (aldeias, quilombolas), a atividade buscou refletir sobre o lugar do curso e do/a acadêmico/a de Jornalismo da Unemat de Tangará da Serra (localizada na região Médio-Norte de Mato Grosso e a 240 km da capital Cuiabá) diante da necessidade de não somente pautar sobre questões sobre grupos e segmentos sociais da população brasileira historicamente marginalizados (indígenas, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQPNI+), mas em se inserir e passar a compreender de maneira mais orgânica os principais dilemas que atravessam esses atores sociais e políticos. Em especial, quando é preciso reconhecer que estamos em um estado brasileiro de dimensão continental (900 mil km²) onde o agronegócio em larga escala, o desmatamento e os focos de queimadas crescem de modo desenfreado, ameaçando a vida nos principais biomas ecológicos (Pantanal, Amazonia e Cerrado).

Para isso, essa nossa experiência de ensino calcou num referencial teórico situado na interface do Jornalismo com a Comunicação Alternativa (Peruzzo, 2005) e Etnomídia indígena (Tupinambá, 2016, Santi e Araújo, 2021). Trata-se de uma proposta interdisciplinar, trabalhada com um olhar mais autoral de quem se propõe a vivenciar essa experiência em sua inteireza, com ênfase na aproximação entre as práticas metodológicas consolidadas no campo da Comunicação Intercultural (observação participante, fotoetnografia, etnomídia) com as técnicas de apuração de Jornalismo Especializado na área de Cultura. Mas também uma proposta que constitui um esforço nosso em aprofundar os trabalhos de fotoetnografia como ferramenta de intervenção social. Trabalhos identificados com questões que reiteram o papel do Jornalismo no combate às injustiças sociais históricas.

MARCO TEÓRICO DO RELATO: PLANEJANDO A INCURSÃO NA ALDEIA

Participar de atividades como a incursão intercultural, que foi proposta pelo professor Lawrenberg Silva, nos impulsionam a movimentar pautas jornalísticas e modos de ver a realidade social que não são muito exploradas ao decorrer do curso de Jornalismo. Fomos para um lugar onde cada árvore têm significado, cada flor, cada gota d'água têm

II Erejor Centro-Oeste

Encontro Regional Centro-Oeste de Ensino de Jornalismo

Notícia quente

Dilemas da cobertura jornalística em tempos de crise climática



a sua importância. Não que todas as outras não tenham, mas você vive aquela experiência e passa ter um olhar diferenciado a cada troca de informações estabelecida com um morador da comunidade indígena. Neste processo, território e territorialidade são palavras-chave para o acesso a um universo de vivências que se mostra alternativa diante do mundo cotidiano de orientação capitalista, produtivista e com relações cada vez menos humanizadas. Essas palavras são antídotos às dinâmicas de sociedades preconizadas pela lógica maquínica da fábrica, descrita no filme Tempos Modernos de Charles Chaplin como uma estrutura desumanizante e calcada na repetição. São conceitos precípuos para um melhor entendimento da realidade que desvela na imersão, principalmente quando analisamos na perspectiva dos estudos dos pesquisadores Santi e Araújo (2018, p.7),

O território é, portanto, espaço ocupado por uma relação de poder. E, a territorialidade, diz respeito as relações que mantemos com o território, o que dele fazemos e a identidade que impingimos a ele. (Santi e Araújo, 2018, p.7)

Neste sentido, imergir constitui estabelecer conexões com outros territórios, territorialidades e relações sociais (de poder) com o espaço, capazes não somente de apresentar geografias antes desconhecidas, mas modos de conceber mapas, cartografias e representações da realidade social. Em especial, em se tratando da relação das culturas não-indígenas com o mundo cotidiano indígena na contemporaneidade, quando, conforme o depoimento do cacique Ivo Paresi (13/05/2024), apresenta um indígena “empreendedor” e sintonizado com “a sociedade globalizada”.

Há comunidades isoladas, isso é um fato, mas são raras. Assim como o mundo recebeu atualizações após o “boom” da internet e novas tecnologias, os povos indígenas foram adaptando seus costumes e tradições. Muitos já saem das aldeias e estudam em escolas e universidades nas cidades. Voltam para casa com informações que facilitam a vivência naquelas regiões. As mudanças em seus modos de vida refletem as atualizações de uma identidade cultural em consonância com as transformações do mundo globalizado

II Erejor Centro-Oeste

Encontro Regional Centro-Oeste de Ensino de Jornalismo

Notícia quente

Dilemas da cobertura jornalística em tempos de crise climática



ORGANIZAÇÃO
UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Mastromeo
Curso de Jornalismo da Unemat de Teresopolis

ABEJ
Associação Brasileira
de Ensino de Jornalismo

(HALL, 1997), quando suas práticas e diálogos buscam interlocução com os mais diversos lugares, atores e realidades do mundo contemporâneo.

Trazendo para o lado comunicacional, as experiências identificadas nesta comunidade do Rio Sacre traduzem o espírito de um tempo que o território é ponte para outras territorialidades simbólicas e paisagens comunicativas. Uma vez que o mundo está conectado, o espaço geográfico fica pequeno e a relação de comunidade dá espaço a um endereço eletrônico, onde pessoas afins do mesmo assunto interagem entre si através de um meio de comunicação. A comunicação, neste sentido, passa a ser a nova ponte entre esses territórios e territorialidades, sendo que, no caso dos moradores da comunidade Paresi, uma condição de atualização e forma de sobrevivência no mundo contemporâneo. Como diz Raffestin (apud Santi e Araújo, 2021), “[...] um dos trunfos do poder na contemporaneidade é informacional, e a informática é um dos meios”.

Trata-se de uma leitura social que permite tratar muitos desses moradores como agentes comunicadores e ativistas (etno)mediáticos, quando o acesso e o manuseio de câmeras de celular ligam acadêmicos de Jornalismo e jovens moradores indígenas de uma comunidade localizada a 150 km da cidade. Trata-se de uma percepção que somente foi possível, do ponto de vista metodológico, a partir da adoção das técnicas da observação participante, geralmente adotadas nas pesquisas de campo da etnografia, e da prática da fotoetnografia, um modo de registro que alia saberes etnográficos com fotográficos. Como defende Richardson (2012, p. 97), o “observador participante tem mais condições de compreender os hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características da vida diária da comunidade do que o observador não participante” (Richardson et al. 2012). Já a fotoetnografia se baseia numa releitura da antropologia visual proposta por Massimo Canevacci e depois atualizada nos trabalhos do professor Robinson Achutti (1997), quando a fotografia se torna relato etnográfico.

II Erejor Centro-Oeste

Encontro Regional Centro-Oeste de Ensino de Jornalismo

Notícia quente

Dilemas da cobertura jornalística em tempos de crise climática



DIA DE ALDEIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA (FOTO)ETNOGRÁFICA

Quando se lançamos numa experiência fotoetnográfica, a fronteira ontológica entre o etnógrafo e o fotógrafo desaparece, da mesma forma que entre o acadêmico de Jornalismo e os mais diversos atores observados numa atividade de incursão. E foi o que aconteceu no sábado do dia 13 de maio de 2024, quando um grupo de acadêmicos de Jornalismo partiu de Tangará da Serra para a comunidade indígena do Rio Sacre, situada no município de Campo Novo dos Parecis. O ponto de embarque foi o Centro Cultural de Tangará da Serra, no horário das 6 horas, quando 35 acadêmicos embarcaram em um ônibus alocado pela universidade, que transportaria o grupo até a aldeia, num trajeto de 150 km e duração de 2 horas e meia.

Após o longo tempo de estrada chegamos. Fomos apresentados ao Cacique Ivo Paresi, que nos mostrou o local e contou um pouco de sua história. Fomos convidados a sentar numa tenda feita de madeira e telhado de uma espécie de palmeira, a qual parecia bastante comum que também cobriam as *hatis* (que aprendemos erroneamente como oca).

Juntamente com as técnicas de observação participante, é importante destacar a reflexão para o lugar político do observador e fotoetnógrafo, o que, no caso de um de nós, demandou pensar sobre qual a postura como acadêmica negra e carioca no contato com uma comunidade considerada de resistência do interior de Mato Grosso. Trata-se de um exercício de reflexão que somente foi possível a partir da visão de Patrícia Hill Collin e Sirma Blige (2021), pensadoras que nos auxiliaram a dimensionar nossa contribuição como memória social, principalmente quando considerado uma experiência de vida distante da realidade dos povos originários e com recortes de narrativas das mídias hegemônicas -que descobri totalmente deturpado.

É importante frisar que a prática fotoetnográfica jamais teve como objetivo colocar a academia como detentora de todo o conhecimento e/ou têm o intuito de ter uma abordagem colonizadora. A incursão em si é dialógica, construída a partir de relações simétricas, quando fotoetnógrafos e moradores indígenas são protagonistas do processo de formação de experiência. Dito isso, não somente nos preocupamos em registrar corpos,

II Erejor Centro-Oeste

Encontro Regional Centro-Oeste de Ensino de Jornalismo

Notícia quente

Dilemas da cobertura jornalística em tempos de crise climática



interações e ambientes, mas compartilhar experiências em cada uma das etapas dos registros realizados, por vezes trocando papéis, quando o manuseio de câmeras, o registro fotográfico e a análise das imagens eram divididas entre todos os envolvidos. A partir desta metodologia, foi possível compreender como aquela comunidade se mostrava sintonizada com o mundo contemporâneo, sobretudo, quando a boa desenvoltura de alguns moradores com as câmeras de celulares revelou não somente a adaptação de muitas comunidades indígenas com as novas mídias, mas seu uso como fonte de sobrevivência econômica (etnoturismo como turismo comunitário⁵) e de um ativismo etnomidiático (Tupinambá, 2006). Afinal, muitos dos indígenas da localidade acabam utilizando câmeras de celular na divulgação de serviços de etnoturismo nas mídias sociais da internet, por vezes adotando algumas técnicas de marketing digital que também serviam para dar mais visibilidade e alcance social dos problemas enfrentados por aquela comunidade.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Dito tudo isso, ter sinal de *wifi* em uma comunidade aparentemente isolada deve ser visto como parte da evolução “comum” humana nesse mundo contemporâneo e por que os indígenas ficariam de fora?! Com muita certeza pensar assim é uma construção totalmente eurocentrista e moldada numa bolha hegemônica. E, só a partir de experiências nesses termos, com a fotoetnografia e sensibilidade mais humanística, é possível uma compreensão mais profunda das transformações em andamento em muitas comunidades, sobretudo quando tal compreensão envolve valores de mundo menos eurocêntricos e o reconhecimento de um ativismo etnomidiático por parte de muitas aldeias do interior de Mato Grosso e Brasil.

⁵ Conforme Elizabete Nogueira (2013, p. 25), o etnoturismo busca “oferecer ao turista a oportunidade de experimentar como vive uma comunidade numa troca mútua, onde os anfitriões dividem com os visitantes suas histórias, seus costumes e tradições mais profundas, podendo gerar renda e benefícios diretos para melhorar a qualidade de vida dos residentes”.

II Erejor Centro-Oeste

Encontro Regional Centro-Oeste de Ensino de Jornalismo

Notícia quente

Dilemas da cobertura jornalística em tempos de crise climática



ORGANIZAÇÃO
UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Mastromeo

ABEJ
Associação Brasileira
de Ensino de Jornalismo

Nesses termos, também salientamos que deve ser o olhar para a formação de profissionais jornalistas, considerando o quanto são poucas as pautas e a representatividade em si sobre as comunidades de resistência em um estado onde cada vez mais tem prevalecido a figura da modernização agrícola como principal imagem. Uma escassez que reflete no desconhecimento da opinião pública sobre os dilemas enfrentados pelos povos originários no mundo globalizado, mas pior: acaba influenciando na formação de profissionais jornalistas cada vez mais alheios ou insensíveis aos problemas dos grupos historicamente marginalizados da população brasileira, o que inclui não somente indígenas, bem como quilombolas, ribeirinhos, ciganos, trabalhadores rurais sem-terra, jovens universitários LGBTQPNI+.

REFERÊNCIAS

COLLINS, P.H. e BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo**. Educação & Realidade v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.

NOGUEIRA, E. M. **Etnodesenvolvimento e Educação Indígena: problemas e perspectivas para a implantação do etnoturismo na Terra Indígena Raposa Serra do Sol**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

PERUZZO, C.M.K. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências**. Revista Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n.º 43, pp. 67-84, 1.º semestre, 2005.

RICHARDSON, R. J.- Livro: **Pesquisa social, métodos e técnicas**-São Paulo, editora Atlas 1999.

SANTI, V. J. C. e ARAÚJO, B. C. C. A etnomídia indígena na construção dos territórios etnomidiáticos. In: **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**. Dossiê Mídia e Sociedade: diálogos intermitentes. V.7. n.2. Editora da Universidade Estadual do Mato Grosso (Unemat): 2020. p.122-142. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/rccs.v7i2.5182>. Acesso em 26 nov. 2024.

TUPINAMBÁ, R. **Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos originários**. Brasil de Fato, Niterói, Rio de Janeiro, 11 de agosto de 2016. Disponível em: <[Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos | Cultura](#)> Acessado em 26/11/2024.